

Nascido em 1806, em Digne, nos Baixos Alpes, falecido em Carros, nos Alpes Marítimos, em 1873, **Melchior-Honoré Yvan** formou-se em Medicina em 1835, começando por exercer a profissão na sua terra natal e ensinando depois **História** Natural em escola secundária de Marselha. É mais conhecido por ter sido deputado, desde 1849, do partido democrático, chegando a secretário da Assembleia Nacional de França, notabilizando-se por defender o sufrágio universal. Exilado em Bruxelas, escreveu em **1853** um texto importante, intitulado *Viagens e Narrativas*, em que recordava com grande pormenor a sua mais importante **missão** ao serviço do seu país: tinha sido membro da embaixada diplomática francesa à **China**, em 1844, que se demorou por **Macau** vários meses, conseguindo assinar com o Império Celeste um tratado comercial bastante vantajoso para o comércio francês. O texto das suas memórias sobre Macau é documento importante e aqui se recorda uma pequena parte especialmente atenta aos **macaístas** por quem o Dr. Yvan nutriu uma curiosidade quase antropológica que muito nos interessa quando se volta hoje – como sempre – a reflectir sobre as **identidades** de uma comunidade fundamental na construção de Macau. Segue

## lusofonias

nº 30 | 10 de Fevereiro de 2014

Este suplemento é parte integrante do Jornal Tribuna de Macau e não pode ser vendido separadamente

### COORDENAÇÃO:

Ivo Carneiro de Sousa

### TEXTOS:

- “Após oito meses de navegação”
- “Esta cidade estranha e célebre”
- “A cidade mais europeia da Indochina”
- “Um sangue fortemente miscigenado”
- “Os macaístas são naturalmente sóbrios”
- Salões em que se discute como em Londres ou Paris
- Macaístas conservam “uma viva memória do Homero português”
- “A Roma do extremo-oriental”
- Dois poderes rivais ou dois poderes iguais
- “O quarteirão do Bazar é a cidade chinesa”

### Dia 17 de Fevereiro:

Lusofonia em Moçambique: com ou sem Glotofagia?

### APOIO:

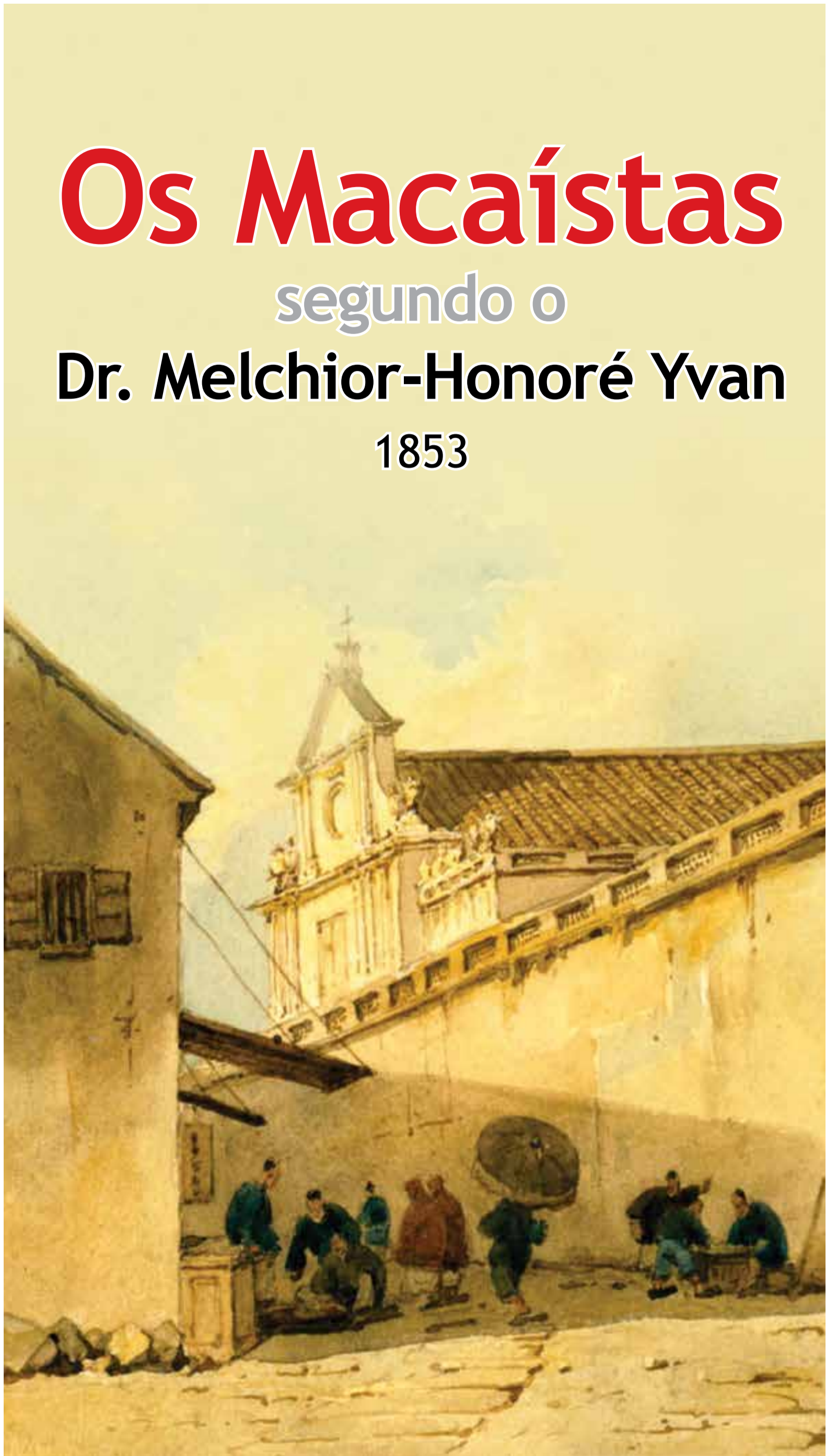


# Os Macaístas

segundo o

## Dr. Melchior-Honoré Yvan

1853



# OS MACAÍSTAS

segundo o  
Dr. Melchior-  
Honoré Yvan

1853

• Ivo Carneiro de Sousa •

Nascido em 1806, em Digne, nos Baixos Alpes, falecido em Carros, nos Alpes Marítimos, em 1873, Melchior-Honoré Yvan formou-se em Medicina em 1835, começando por exercer a profissão na sua terra natal e ensinando depois História Natural em escola secundária de Marselha. É mais conhecido por ter sido deputado, desde 1849, do partido democrático, chegando a secretário da Assembleia Nacional de França, notabilizando-se por defender o sufrágio universal. Exilado em Bruxelas, escreveu em 1853 um texto importante, intitulado *Viagens e Narrativas*, em que recordava com grande pormenor a sua mais importante missão ao serviço do seu país: tinha sido membro da embaixada diplomática francesa à China, em 1844, que se demorou por Macau vários meses, conseguindo assinar com o Império Celeste um tratado de amizade bastante vantajoso para o comércio francês. O texto das suas memórias sobre Macau é documento importante e aqui se recorda uma pequena parte especialmente atenta aos macaístas por quem o Dr. Yvan nutriu uma curiosidade quase antropológica que muito nos interessa quando se volta hoje - como sempre - a reflectir sobre as identidades de uma comunidade fundamental na construção de Macau. Segue sem demoras um texto pouco conhecido, mas que merece bem a pena ser redescoberto.



## “APÓS OITO MESES DE NAVEGAÇÃO”

A 13 de Agosto de 1844 deitámos a âncora na rada de Macau. Estamos, enfim, após oito meses de navegação, nas costas da China. Amanhã, desceremos na cidade europeia, nessa cidade que os heróis portugueses do século XVI fundaram pela sua intrepidez e a subtileza da sua diplomacia. Passeamos avidamente o nosso olhar sobre a margem semicircular que apercebemos do nosso ancoradouro e seguimos com curiosidade as linhas fugitivas das montanhas que cortam o céu. Os abismos profundos cortados nos rochedos não se encontram aqui preenchidos com verdura: os entrelaçamentos de liames, palmeiras, fetos e tecas que escondem, no Brasil, em Bourbon e no arquipélago malaio, as quebras do solo, desapareceram completamente. O granito mostra por todo o lado a sua tinta amarela e alguns pinheiros raquíticos projectam a sua ligeira sombra na terra desnudada.

Encontro a seis mil léguas da França as paisagens áridas da Provença; são os mesmos acidentes de terreno, os mesmos aspectos e os cumes estão coroados, como aqueles que rodeiam a enseada de Toulon, desses pinheiros sonoros que se espalham por todo o litoral mediterrânico desde Marselha às margens da Jónia! Esta paisagem tem para mim todo o encanto de uma recordação: descansa a vista como o aspecto gracioso de um telhado de colmo repousa o olhar fatigado das obras-primas do arquitecto; renova a nossa admiração mantida em suspenso durante quase um ano diante do luxo da vegetação tropical. De qualquer maneira, as obras de Deus são belas em todas as suas manifestações; são-no sempre para quem as sabe compreender e conservou o poder de as amar!

Macau percebe-se bem a partir do nosso ancoradouro. Descobrimos à nossa frente o cais da Praia Grande marginado de casas elegantes, pintadas de amarelo ou de branco. Nas duas extremidades da linha curva que

descrevem elevam-se, à direita, o forte de S. Francisco, e à esquerda o de Nossa Senhora do Bom Parto. Este lado da enseada não está apenas guardado por estes fortins; no alto da montanha de Charil, ponta granítica que avança pelo mar a leste da cidade, está a fortaleza da Guia. Por uma associação de ideias própria do carácter português, os fundadores de Macau colocaram esta sentinela de pedra sob a proteção da Virgem: encerraram no recinto guerreiro uma ermida consagrada ao nome de Nossa Senhora da Guia. Estes piedosos aventureiros eram corajosos crentes e logo que, por detrás da fileira de casas alinhadas na Praia Grande, se vêem aparecer as cruces de catorze igrejas construídas pelas suas mãos infatigáveis, sente-se que tinham pressentido a missão dos povos ocidentais no império do meio. A cidade cristã colocada ao longo desta praia isolada, mostrando do cimo dos seus telhados o símbolo redentor que embeleza os seus templos, parece dizer aos comandantes das frotas estacionadas no horizonte: “Os vossos canhões, os vossos obuses e os vossos soldados são impotentes contra este povo; é somente com este símbolos que vós vencereis!”

O senhor embaixador entrou na colónia portuguesa acompanhado de toda a sua comitiva e dos oficiais de todos os navios franceses ancorados na rada. As autoridades de Macau com o senhor governador à cabeça vieram receber o senhor De Lagrené no cais com todas as honras devidas ao representante de Sua Majestade o rei Luís Filipe. Durante o desembarque, os fortes dispararam salvas de artilharia às quais respondeu a frota francesa. O cais da Praia Grande e as ruas adjacentes estavam sobrelotadas com uma multidão compacta de portugueses, chineses, ingleses, americanos, parsis, indianos e negros. Nesta massa que abria alas à nossa passagem, descobria-se um exemplar de todas as raças humanas.

## “ESTA CIDADE ESTRANHA E CÉLEBRE”

Foi com o sentimento de uma emoção profunda que pisei o solo desta cidade estranha e célebre, nascida de esforços inacreditáveis e conservada por Portugal com uma perseverança inquebrantável. Refiro-me ao tempo em que os Peres de Andrade, os António de Faria e Fernão Mendes Pinto, que foi a quinta essência de todos estes Alexandres vagabundos, chegaram a esta margem deserta. Estes valentes ma-

rinheiros apareciam-me com a sua fisionomia enérgica, os seus costumes pitorescos em face desses bons, desses pacíficos chineses, que nessa época nos ultrapassavam em bem-estar e civilização. Em memória desse passado que eu conhecia através das narrativas curiosas de Fernão Mendes Pinto, fui tomado de um sentido afecto pelos descendentes desses homens intrépidos. Em geral, todos os que escreveram sobre as

conquistas portuguesas, incluindo eu, consideraram-nos um bando de piratas e de bandidos sem freio. A época à qual eles pertencem não valia certamente mais do que eles e é ser muito exigente pedir a estas naturezas temerárias que, inspirados na fé de narrativas entusiastas, fossem à conquista de países desconhecidos com mais virtudes do que aquelas dos grandes dignitários actuais dos estados europeus.

LUSOFONIAS - SUPLEMENTO DE CULTURA E REFLEXÃO

Propriedade Tribuna de Macau, Empresa Jornalística e Editorial, S.A.R.L. | Administração e Director José Rocha Dinis | Director Executivo Editorial Sérgio Terra | Coordenação Ivo Carneiro de Sousa | Grafismo Suzana Tôres | Serviços Administrativos Joana Chói | Impressão Tipografia Welfare, Ltd | Administração, Direcção e Redacção Calçada do Tronco Velho, Edifício Dr. Caetano Soares, N.º4, 4A, 4B - Macau • Caixa Postal (P.O. Box): 3003 • Telefone: (853) 28378057 • Fax: (853) 28337305 • Email: lusofoniasjtm@yahoo.com

lusofonias

# “A CIDADE MAIS EUROPEIA DA CHINA”



Macau é a reunião de duas cidades, uma chinesa, a outra portuguesa. Esta última foi nomeada pelos seus fundadores *Cidade do Santo Nome de Deus de Macao*. Quando se considera a localização sobre a qual está construída, perguntamo-nos por que milagre de obstinação e trabalho conseguiram erguer a cidade neste espaço estreito e acidentado. É no meio de blocos de granito soltos na sua base e de colinas profundamente divididas por ravinas que foi necessário traçar as ruas, aplanar o cais, abrir as praças e construir as casas. A indústria paciente dos chineses, cimentada pelos mercadores europeus, triunfou sobre estes obstáculos e, ainda hoje, apesar das enormes somas investidas pelos ingleses em Hong Kong, Macau continua a ser a cidade mais europeia da Indochina.

As ruas são, é verdade, estreitas e sinuosas, mas encontram-se bem abertas e perfeitamente arejadas. A sua pouca largura coloca-as ao abrigo dos ardores do sol, e os acidentes do terreno que não puderam ser vencidos favorecem a circulação do ar. Numa palavra, os portugueses tiraram o melhor partido do espaço que lhes concedeu antigamente a parcimónia chinesa. As casas não têm, em geral, mais de dois andares. As fachadas são feitas, como as paredes interiores, de belos tijolos, enquanto as escadarias e os pisos estão construídos em madeira. Os apartamentos de tectos bastante elevados são servidos por

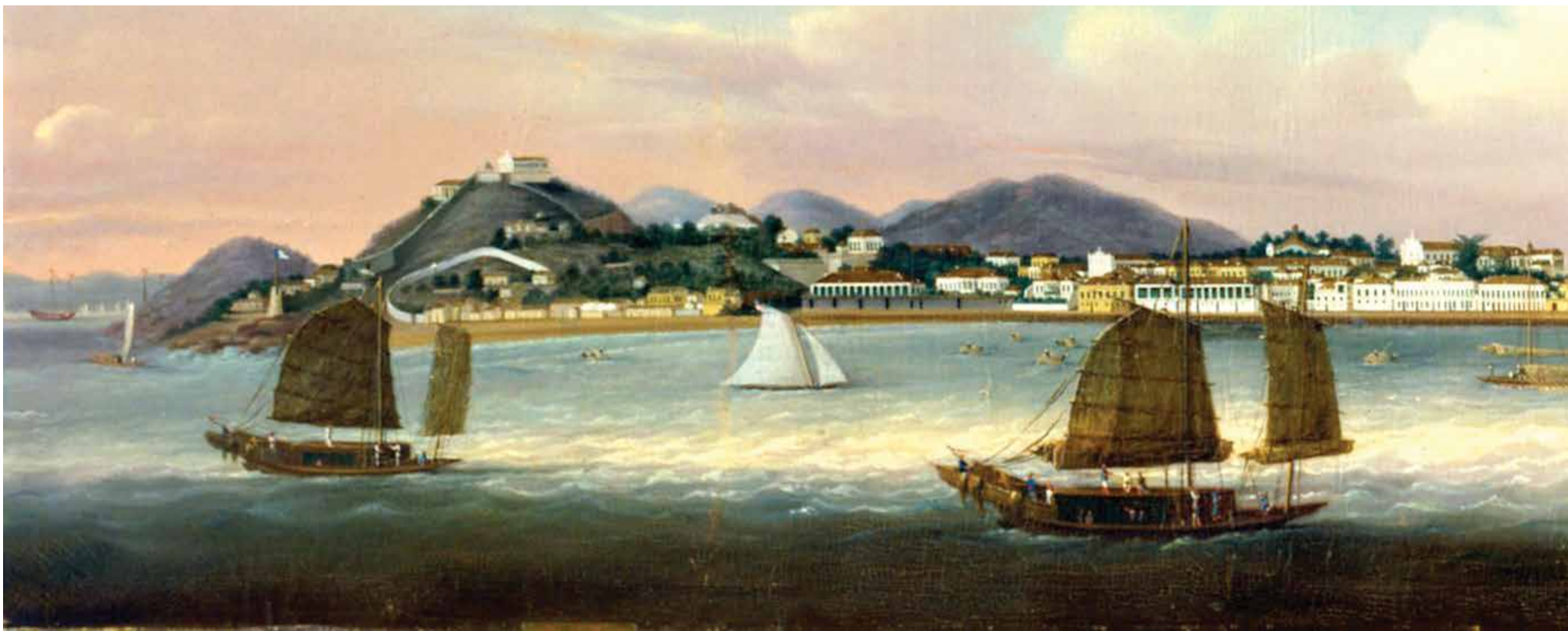
grandes janelas e protegidos da intensidade da luz por grandes persianas semelhantes aquelas da Espanha e Portugal.

Os Macaístas europeus, em contacto, de geração em geração, depois de três séculos, com os chineses não lhes foram buscar nenhuma influência. Nada na sua arquitectura recorda a adopção de um ornamento, de um uso, de uma disposição relevante do gosto e dos hábitos deste país excepcional. Dir-se-ia mesmo que assumirem a tarefa, no seu mobiliário, de proscrever tudo o que recordasse as artes e indústrias do império do meio. Esta bizarria manifesta-se sobretudo no luxo dos seus apartamentos: recobrem pedestais, consolas e as paredes brancas dos seus salões de horríveis gravuras iluminadas, curiosidades francesas e inglesas de um gosto suspeito, mas nunca acolhem as encantadoras fantasias fabricadas em Sou-Tchou-Fou, Cantão e Ning-Pó.

A fisionomia das ruas portuguesas tem qualquer coisa de estranho: no meio destas construções europeias só se vêem negociantes, operários e criados chineses. Parece uma cidade que os seus fundadores abandonaram e na qual se estabeleceu uma população asiática. Em toda a parte em que se mostra mercadorias, em que se ouve uma bigorna, grita uma serra, em que se encontra um alfaiate, um cordoeiro, uma oficina de pintor, o cinzelador de metais, vêem-se a trabalhar silenciosamente no fundo de uma loja

os artífices do celeste império. Nas praças e nas ruas, os cules dobrados pelo peso das suas cargas, os operários ferreiros instalados diante de uma forja, os restaurantes ao ar livre e o pequeno número de clientes que os acompanha, tudo isto é chinês! Quanto aos Macaístas portugueses, fechados nos seus lares, entregam-se apenas a trabalhos em casa onde dormem, homens e mulheres, esperando pacificamente o fim de tarde para saírem das suas residências.

Estas pobres gentes acreditam que não precisam de aprender qualquer profissão, apresentando-se como descendentes de navegadores, mercadores e aventureiros e todo o seu destino é o de continuar a obra dos seus pais. Infelizmente, a sua prosperidade encontra-se marcada pela decadência como o seu estado político na Europa: os negociantes, com algumas excepções apenas, não fazem mais do que pequenos negócios; os marinheiros realizam apenas navegações de cabotagem; e os espíritos ardentes que não pedem melhor do que se lançar em aventuras estão reduzidos ao contrabando nas costas do Fujian e de Xangai. Entretanto, existe uma profissão que encontrou os favores da sua mentalidade cavaleiresca, mas que mobiliza somente alguns poucos braços: a imprensa. A cidade sino-portuguesa tem as suas tipografias que não se abandonam como a França teve no passado os seus nobres vidreiros.



## “UM SANGUE FORTEMENTE MISCIGENADO”

Os portugueses de Macau são quase todos nascidos na localidade e nas suas veias corre um sangue fortemente miscigenado: a maior parte das famílias decorre de alianças asiáticas ou africanas; muito poucos conservaram na sua descendência a pureza da sua origem ibérica. Estes cruzamentos imprimiram na sua fisionomia um carácter especial que é o tipo da população Macaísta: os homens são, em geral, de pequena estatura, traços arredondados e obtusos convocando alternativamente os das raças asiáticas e das raças etíopes, os seus olhos e os seus cabelos são mais negros do que o carvão, e a sua tez é de azeitona. Como acontece com certas populações, os israelitas ou os provençais, por exemplo, as mulheres são geralmente melhores do que os homens. Os seus traços têm mais delicadezas, a sua pele conservou uma frescura rosada, privilégio das mulheres europeias, e a sua estatura elegante e frágil não tem nada em comum com o aspecto atarracado dos seus irmãos e maridos. Um facto extraordinário e que merece uma menção especial é que, testemunhando esta mistura heterogénea de toda a espécie de sangue, os membros de uma família parecem-se geralmente muito pouco: impõem-se imediatamente certos tipos que recordam as alianças anteriores e que se encontravam com frequência já completamente esquecidas.

Frequentei algumas vezes em Macau uma família portuguesa que residia perto da Praia do Manduco. Eram descendentes autênticos dos antigos conquistadores e a sua origem europeia podia bem verificar-se. Estas boas gentes viviam numa pequena casa térrea em número de seis: a mãe, três filhas e dois rapazes. As três filhas - que se chamavam, a mais velha, Mariana, a segunda, Maria, e a terceira, Mónica - eram de três tipos completamente distintos. Mariana era uma morena perfeitamente branca de cabelos ligeiramente encrespados, os traços grossos, os lábios espessos e as maçãs do rosto salientes e muito coradas. Mónica, ao contrário, tinha a cor de uma andaluza, o lábio superior coberto

por um ligeiro buço e os cabelos de uma beleza notável. Quanto à terceira, era um ser franzino, cor de âmbar, parecendo-se mais a uma mulher das margens do Ganges do que as suas irmãs. Os dois rapazes eram dois chineses.

Apresentei um dia as minhas observações ao meu amigo Callery, o sábio intérprete da legação, e ao senhor Paiva, negociante muito recomendável estabelecido em Macau que me guiou numa excursão através das famílias Macaístas. Em todas aquelas que contavam chineses, indianos ou negros entre os seus antepassados, viam-se reaparecer com certos intervalos representantes destas raças com uma clareza de formas extraordinária.

O vestuário dos homens compõe-se normalmente de uma jaqueta, umas calças, colete e gravata branca. Parecem, para usar uma expressão pitoresca, moscas caídas no leite. Na maior parte das vezes, o seu luxo não se fica por este vestuário modesto: trazem frequentemente camisas bordadas de desenhos extravagantes, pesadas cadeias de ouro e casaco escuro para as grandes ocasiões. As mulheres vestem-se em casa com uma camisola flutuante, guarnecida com mangas e à roda do pescoço com grandes arrebiques de muselina bordada. Penteiam-se com os seus próprios cabelos e calçam casualmente chinelos nos pés. Quando saem, tiram este vestuário ligeiro e metem na cabeça uma espécie de carapuça recoberta de uma peça indiana pintada que, por aqui chamada saraça, é o vestuário oficial das mulheres. Vi um bom número de senhoras, bastante elegantes, aliás, sufocar sob este dominó de grandes ramagens para irem à igreja ou para assistirem a qualquer piedosa cerimónia.

A educação dos dois sexos é, como seria de pensar, muito pouco cuidada: os meios de instrução são insuficientes em Macau, sobretudo para as jovens raparigas. A supressão das ordens religiosas destruiu o único meio através do qual poderiam aprender os progressos que se fazem na Europa. As suas antigas comunidades, de Santa Clara e de Santa Rosa, existem

ainda, é verdade, mas estão interditas de receber noviças e, assim, condenadas à inação. Antigamente, quando estes estabelecimentos gozavam de grande prosperidade, vinham de tempos a tempos da metrópole para a colónia religiosos educados nos conventos de Lisboa que traziam os métodos e os programas novamente adoptados, mas hoje Macau está privada deste renascimento intelectual. Quanto aos jovens rapazes, preocupam-se muito pouco em fazer estudos de que não tirariam qualquer proveito. A qualidade de letrado, tão lucrativa por detrás da muralha que separa a península portuguesa da China propriamente dita, não interessa para nada na Cidade do Santo Nome de Deus de Macao. Assim, para estas inteligências pouco desenvolvidas, o tempo demora a passar e a conversação não é fecunda em recursos. O português, em casa, lê pouco, baila muito, descansa e vegeta todo o dia, enquanto a sua mulher, no seu ligeiro vestuário, instalada por detrás dos cortinados, leque na mão, cigarro na boca ou com um bocado de noz de areca entre os dentes, espia indolentemente os transeuntes que são, entretanto, raros nas ruas. As mulheres estão isentas de qualquer função, sendo os homens que se encarregam de todos os trabalhos, de todos os problemas. Estas indolentes criaturas não participam em nada nos trabalhos domésticos nem contribuem para o aumento da riqueza. Os chineses, finos observadores, explicam perfeitamente na sua linguagem sucinta esta maneira de ser de um casal português. Se lhes perguntarmos quais são as ocupações de uma família Macaísta, responde invariavelmente:

- Nhom vai Cantão, nhona fica Macao comê balichão!

O que quer dizer: “O senhor vai a Cantão”, significando no pensamento chinês que é marinho ou mercador, e a “senhora espera-o em Macau a comer o balichão!”.

Nhom e nhona são dois diminutivos criados pela displicência crioula para dizer senhor e senhora. O balichão é um condimento muito estimado pelos Macaístas de que falei um pouco mais adiante.

Esta i...  
guia...  
das mul...  
das em...  
Passei lo...  
gueses s...  
tra coisa...  
sabe, nã...  
palavras...  
tões e...  
estes co...  
conversa...  
zas, que...  
complet...  
las próp...  
muito vi...  
romance...  
canções...  
cantes a...  
nhona, p...  
encanto...  
ideias g...  
humor.

Este...  
mulhere...  
à escolh...  
lizam. E...  
que vár...  
encanta...  
que ela...  
bate de...  
pósitos...  
tornou-s...  
mães so...  
madriga...  
rentes t...  
entre as...  
expressã...  
palavras...  
parece...  
sentime...  
sar. Esta...  
pareceu...  
para um...  
-se as pa...  
inspiraç...  
sempre



## “OS MACAÍSTAS SÃO NATURALMENTE SÓBRIOS”

ndolência asiática, esta pre-  
a crônica, esta timidez própria  
neres ignorantes, torna-as mu-  
presença de um estrangeiro.  
ngas horas em casas de portu-  
gem ouvir das bocas delas ou-  
a que não fosse: si, não, não  
ão pode. E, com estas quatro  
, escapa-se a todas as ques-  
responde-se a tudo: oferece  
ntingente inteiro em todas as  
as. No entanto, estas nature-  
e parecem pautadas por uma  
a nulidade, transportam ne-  
rias um sentimento poético  
vo: ouvi-as cantar com paixão  
es muito ternos. Tratava-se de  
harmoniosas de Macau, cho-  
ao olhar de fogo de qualquer  
porque ofereciam - o que faz o  
dos versos de qualquer país -  
raciosas ditas com um grande

amor pela poesia torna esta  
s bastante delicadas quanto  
na das palavras que se uti-  
estive um dia num sarau em  
ios jovens exprimiam a uma  
dora senhora os sentimentos  
lhes inspirava. Era um com-  
palavras doces e ternos pro-  
De repente, a contestação  
e muito viva entre as suas  
obre o mérito relativo destes  
is. Um dos jovens concor-  
ornou-se o partido preferido  
s saias por ter empregue uma  
ão local que, como algumas  
s da nossa língua provençal,  
sublinhar com mais humor o  
nto que se procura expres-  
a discussão foi encantadora e  
me estar a ser transportado  
a corte de amor: discutiam  
particularidades ou essência da  
ão do jovem amoroso. E como  
acontece nestes julgamentos,

coube aquele que adoptou uma ex-  
pressão completamente local e, pro-  
vavelmente, pouco portuguesa, lison-  
jeando o amor-próprio dos cidadãos  
de Macau, ser declarado vencedor do  
galante torneio.

Os Macaístas são naturalmente só-  
brios e receberam essa qualidade dos  
seus antepassados. O arroz é a base  
da sua alimentação, mas, seguindo o  
costume dos povos meridionais, rele-  
vam o gosto insípido deste cereal com



O chá, que aqui dizem tcha, é praticamente a  
bebida habitual destes portugueses: a água a fer-  
ver, mesmo na casa mais modesta, chilreia e can-  
ta constantemente sobre o fogo. Logo que che-  
gamos a casa de amigos, a primeira pergunta que  
fazem é assim: Nhom, quiere tcha, quiere tabaco?

o uso de vários condimentos. O bali-  
chão está entre estes preparos. Este  
tempero é uma composição de cama-  
rão, peixe, especiarias aromáticas e  
é melhor que a pasta de anchova. O  
balichão não é certamente uma inven-  
ção portuguesa, mas não sei dizer em  
que cozinha estes grandes vencedores  
fizeram a sua conquista: o balichão é  
indiano ou chinês? É um tema de eru-  
dição culinária a esclarecer.

Depois do balichão, os lam-si têm  
o segundo lugar nos seus afectos gas-  
tronómicos. Os lam-si são frutos de  
uma árvore do tipo canarium conser-  
vados em salmoura. Têm um gosto li-  
geiramente resinoso, mas substituem

com vantagens as azeitonas pretas de  
Espanha, de Portugal ou da Provença.  
Com arroz cozido em água, lam-si ou  
balichão, um ovo, um pequeno pedaço  
de carne e um copo de água, o Macaís-  
ta faz a sua refeição. O chá, que aqui  
dizem tcha, é praticamente a bebida  
habitual destes portugueses: a água a  
ferver, mesmo na casa mais modesta,  
chilreia e canta constantemente sobre  
o fogo. Logo que chegamos a casa de  
amigos, a primeira pergunta que fazem

é assim: Nhom, quiere tcha, quiere ta-  
baco? Tabaco são os cigarros confe-  
ccionados pelos chineses com uma arte  
infinita e um tabaco detestável.

As frutas são também muito pro-  
curadas pelos Macaístas, sobretudo  
as bananas, o figo-cáqui, as lichias,  
os long-gan, os wampi e as laranjas.  
No sul da França, em Avignon, o meu  
bem lamentável amigo Requien tentou  
há muito tempo aclimatar figos-cáqui  
- ou, para falar como especialista,  
dióspiros-cáqui - mas, infelizmente, a  
árvore era de uma espécie selvagem  
que dá frutos muito ásperos. Os da  
China, pelo contrário, encerram sob a  
sua pele delicada e avermelhada como

o tomate uma polpa doce e macia de  
que nenhum fruto da Europa nos pode  
dar uma ideia. Essa feliz aclimação  
do sábio director do jardim botânico  
de Avinhão deveria mobilizar os nossos  
horticultores a transportarem para os  
nossos jardins outras árvores da Chi-  
na. É muito provável que as lichias se  
adaptem aí maravilhosamente, o que  
seria a conquista deste fruto de cas-  
ca rugosa, salpicado de tonalidades  
encarnadas e cuja carne suculenta só  
pode ser comparada à da uva. Seria  
o mesmo com o wampi, cujos cachos  
amarelados se assemelham ao mosca-  
tel, mas com um sabor sem paralelo  
nos nossos pomares. Um grande nú-  
mero de casas portuguesas tem o seu  
jardim e, nestas parcelas de terra,  
todos os frutos que acabei de referir  
crescem e amadurecem com facilidade.  
Vêem-se aí árvores carregadas de  
toranjas tão pesadas como os nossos  
melões, e a delicada tangerina exhibe  
a sua cor carmesim.

Esta pequena península de Macau  
é realmente a Provença do Extremo  
Oriente: tudo o que cresce no solo  
árido é cheio de perfume e sabor. So-  
bre estas colinas atormentadas nas-  
cem invejosamente flores delgadas  
e brilhantes, enquanto as borboletas  
estão carregadas de pó de ouro sobre  
as pétalas matizadas, imóveis sobre  
os ramos ou suavemente balanceados  
pelos ares. Não se trata do clima ar-  
dente dos trópicos, mas não é ainda  
o áspero clima do Norte. É uma zona  
intermédia, uma zona temperada em  
que a natureza tem os mais doces  
atractivos e onde a vegetação é menos  
majestosa e radiosa. As palmeiras de  
ramos agudos e folhas sonoras desa-  
pareceram, é verdade, mas os pinhei-  
ros substituíram-nas. Não os pinheiros  
agrestes e sombrios do Norte, mas os  
pinheiros das costas da Grécia!

# SALÕES EM QUE SE DISCUTE COMO EM LONDRES OU PARIS

Os Macaístas portugueses formam uma população na qual se encontra pouca aristocracia, mas que não é propriamente o povo: a qualidade mais ou menos aparente de descendentes de europeus dá a todos os mesmos privilégios e a mesma consideração. Assim, na pintura que fiz da fisionomia, hábitos e costumes dos habitantes da Cidade do Santo Nome de Deus destaquei o conjunto dos traços e não descrevi as individualidades. Em Macau - como, aliás, em todo o lado - existem homens distintos, instruídos, guardando-se das pequenas ridicularias que afectam os seus compatriotas. Existem salões em que se conversa ou discute como em Londres ou Paris, onde as mulheres são elegantes e os homens muito educados. Conheci uma jovem senhora muito activa que protestava contra os hábitos indolentes dos seus compatriotas: ela lia os nossos poetas, os ingleses e mesmo Homero e Virgílio em latim. Não se trata rigorosamente de uma excepção: as mulheres cosmopolitas falam várias línguas e procuram avidamente as novidades literárias

impressas em Londres, Paris, Lisboa, Madrid ou Calcutá. Conhece o leitor muitas senhoras francesas que se posam gabar de tais conhecimentos filológicos?

É o mesmo com os homens: os que foram educados na Europa são, como nós, cavalheiros do mundo. E entre aqueles que nunca deixaram a região, existem pessoas notáveis a todos os títulos. Citarei, entre outros, um médico, o senhor Piter, que fez os seus estudos em Goa e frequentou muito os nossos compatriotas da *rue du Bac* e os lazaristas portugueses. Este homem inteligente pelo único meio da sua perseverança, de um trabalho assíduo e de natural bom senso, tornou-se um médico distinto. Tem um perfeito conhecimento do país em que habita e, se a sua modéstia não o impede de publicar tudo o que sabe sobre a medicina chinesa, faria grandes serviços à ciência europeia.

Existem ainda em Macau homens vivendo modestamente afastados e trabalhando silenciosamente sem esperança e mesmo sem desejo de fama, amando a arte pela arte, a

ciência por ela própria. Tal é o caso do excelente sacerdote, padre Remédios, cuja família vive agrupada em torno dele, de certa forma à sua sombra, na união mais perfeita. Estas existências modestas não se vão atirar à cabeça dos estrangeiros, é preciso procurá-las na sua solidão.

Quando o meu amigo Callery residia em Macau era na sua casa que se reunia o pequeno grupo de homens inteligentes e laboriosos da colónia portuguesa. Do alto da montanha de Santo António onde morava mergulhamos o nosso olhar sobre o vasto horizonte do mar povoado de pequenas ilhas, reflectindo sobre esta estranha cidade, misteriosa até para as pessoas que nela habitam. E, então, numa conversa de algumas horas aprendia-se mais coisas sobre a China que durante uma permanência de vários anos em Macau, porque cada um destes homens tinha levantado na sua especialidade uma parte do véu por trás do qual a China se esconde aos estrangeiros ou, para falar como os chineses, aos bárbaros.

## MACAÍSTAS CONSERVAM

### “UMA VIVA MEMÓRIA DO HOMERO PORTUGUÊS”

Não descerei de Santo António sem conduzir o leitor à residência do senhor Lourenço Marques. Encantadora habitação, célebre pelas suas recordações e querida a todos os que a visitam graças à generosa recepção de que são objecto. A residência do senhor Lourenço Marques é conhecida no mundo inteiro sob o nome de Jardim de Camões. Fica próxima de uma aldeia cheia de chineses, chamada Patane e que domina o mar. O terreno, conquistado com dificuldade ao granito, está plantado com as mais belas árvores da zona intertropical. O sapotizeiro, a guanabana, nascem e crescem confundidos com os arbustos e agreiras europeus.

No ponto culminante desta eminência encontra-se a gruta onde o grande poeta vinha meditar a sua obra estranha. É uma abóbada natural abrigada por algumas árvores e, desta depressão, descobre-se o Mar da China sempre agitado, sempre irritado, constante no seu humor inquieto, escutando-se a vaga que estronda de impaciência ao bater sem cessar o granito impassível. Aos olhos de Camões, estas vagas eram a imagem da adversidade constante que o perseguia e pode ser que ele se comparasse a este rochedo que ninguém consegue abalar.

Os Macaístas conservaram tradicionalmente uma viva memória do Homero português. Estes poetas

aventureiros e devotos não podem facilmente esquecer esse outro aventureiro, alternadamente monge, soldado e poeta, pelo que repetem, ainda hoje, os cantos com que o ilustre rapsodo pagava a sua hospitalidade. Há sobre a terra indigentes magníficos que têm o privilégio de saldar as suas dívidas de reconhecimento, como os grandes reis, com pérolas e diamantes. Mas se os pais ensinaram os versos do

pobre exilado aos seus filhos foi, sobretudo, para lhes contar os infortúnios de Camões, para lhes mostrar que muitas vezes o génio é uma dádiva fatal.

E não existe Macaísta tão ignorante que não saiba que Camões, expulso do território de Goa pelo vice-rei das Índias, viveu na cidade abandonado, roído pela miséria, dividido entre as exigências das necessidades materiais e as obsessões do seu génio.

Um dia, Callery, Pitter e eu fomos sentar-nos ao pé do rochedo consagrado pela lembrança

do poeta. O sol estava escondido por detrás das nuvens e o céu e o oceano, como imensas mortalhas, cobriram todos os objectos de uma cor sombria. Impressionados por esta natureza em luto, fomos tomados por uma indizível tristeza ao pensar no destino desse grande homem, cuja vida começou por um sonho de amor irrealizável e continuou no meio de ilusões destruídas para acabar nos mais obscuros

sofrimentos. Nesse momento, o sítio a que confiava os seus pensamentos pareceu-nos como a imagem da fatalidade que está agarrada à sua existência: é uma grande colina talhada em

obelisco e a gruta onde repousava está cavada na base como os túmulos dos faraós ao pé das pirâmides, enquanto árvores gigantescas, pitangas e agreiras, guardam este monumento construído pela mão de Deus sobre um dossel de verdura. Pois bem, uma intenção louvável, mas inteligente, desonrou a austera grandeza deste mausoléu. Um caminho talhado em espiral

conduz a um quiosque construído no cume. A entrada do santuário é guardada por uma miserável balaustrada de madeira lastimosamente pintada a preto. No interior, foi construído uma espécie de altar ocupado no centro por um péssimo busto de Camões. Dos dois lados, sobre a parede escreveram-se versos de *Os Lusíadas...*, é mesquinho e pavoroso! Diante de uma tal profanação, não pude deixar de dizer a mim próprio que teria sido bem mais fácil não tocar neste rochedo!

Todas as pedras à volta do monumento têm nomes, datas e versos em todas as línguas europeias. Um francês afixou mesmo no granito uma placa de mármore na qual gravou uma tirada da sua autoria. O homem trás tão profundamente em si mesmo o sentimento de fragilidade que procura instintivamente prolongar na terra a memória da sua rápida passagem: os fortes pelas suas acções, os fracos confiando alguma coisa deles próprios às obras que o tempo consagrou. A criança que, com uma mão pouco hábil, traça nos muros as letras do seu nome; o companheiro da volta à França que os grava nos monumentos com a ponta do seu canivete, o turista que as faz talhar na pedra das pirâmides, no Monte Branco ou no lung-Frau, obedecem ao mesmo sentimento, a necessidade de perpetuarem a sua vida pela memória.

# “A ROMA DO EXTREMO-ORIENTE”

O carácter particular de Macau é o de uma cidade católica. A uma primeira impressão, compreende-se que os seus fundadores tinham em vista mais os interesses do céu e menos os do comércio. A partir da enseada, percebe-se imediatamente, dominando os telhados da cidade, as cruzes de catorze igrejas, não existindo mesmo rua em que não se encontre a fachada de um edifício religioso. A catedral ou igreja de São Pedro é um monumento que remonta aos primeiros tempos da ocupação. Na verdade, é difícil entender como é que estes mercadores corajosos conseguiram logo após a sua instalação levantar do chão tais edifícios. É o caso da casa do bispo, construída em 1575, cuja arquitectura imponente reflecte bem a alta dignidade do prelado que a habita.

Macau é, de certa maneira, a Roma do Extremo-Oriente, e o chefe espiritual que a governa é o poder religioso mais respeitado nestas longínquas paragens. Independentemente da sua diocese, das suas igrejas, das suas capelas e dos seus conventos, a colónia extremo-oriental exhibe ainda outros monumentos que não desmereceriam uma cidade europeia.

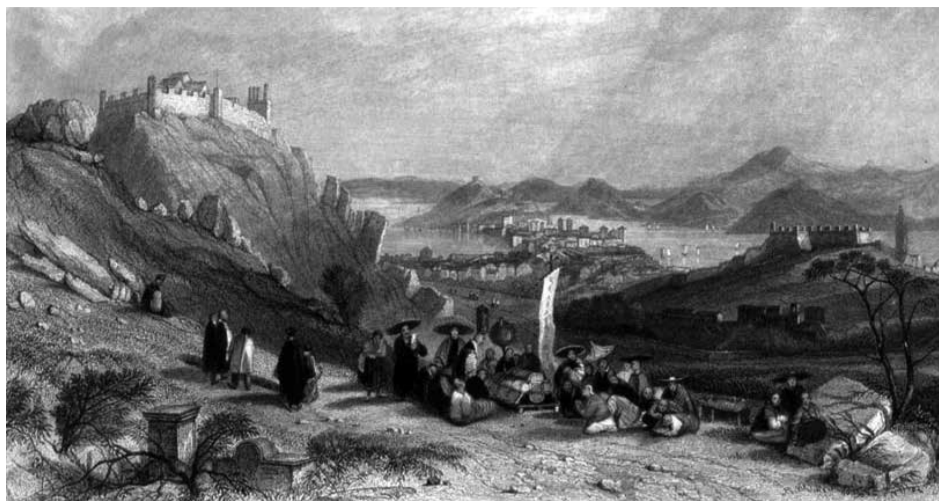
Na primeira linha, deve mencionar-se o Senado, vasto palácio que dá uma ideia da seiva vigorosa e do sentimento de grandeza que animava os portugueses nos tempos de prosperidade. Sobre as pilstras de granito que decoram a grande sala estão inscritos em caracteres chineses os títulos de doação da península: este ornamento de uma magnífica simplicidade inspira aos Macaístas um legítimo orgulho. Hoje em dia, infelizmente, a praça à qual o palácio deu o nome é um espaço quase deserto e as vastas salas do belo monumento apenas recebem com longos intervalos os senadores desocupados.

A residência do governador decora de colunas maciças o cais da Praia Grande, estando o seu interior ornado com um luxo cheio de nobreza. O cais da Praia Grande, sobre o qual, da rada, havia incidido o nosso olhar, seria belo em qualquer país. Esta fileira de casas admiravelmente construídas, desfilando em crescente à beira-mar, testemunha o antigo esplendor desta colónia e as suas facilidades actuais. Três desembarcadouros encontram-se

ao longo do cais e cada um é guardado por uma flotilha de barcos com marinheiros chineses. Ao fim da tarde, o cais da Praia Grande e o da Praia da Guia que o continua transformam-se num encantador passeio em que se reúne toda a sociedade macaísta. É deliciosamente refrescado pela brisa do largo e, logo que a noite cai, as nhonas, essas alvas mariposas, vêm visitar o passeio. Existem ainda outras praias sobre as margens do mar: a Praia do Manduco e a Praia do Patane, mas são simplesmente cais desertos e apenas as menciono como recordação.

Os portugueses tinham já fundado estabelecimentos comerciais nas costas da China na primeira metade do século XVI. Mas o carácter conflituoso de alguns dos seus compatriotas fizeram-nos ser expulsos de Liampó e de Sancian, tornando-se mesmo odiados por todo o litoral. Estavam muito empenhados em fazer comércio e não sabiam onde podiam pôr os pés para desembarcar as suas mercadorias. Foi, então, que viraram os olhos para a ilha de Hiang-Chan. Reconhecendo as vantagens desta localização, apresentaram-se aos mandarins de Cantão com as mãos cheias de argumentos irresistíveis à D. Basílio e, graças a este processo oratório, obtiveram autorização para se estabelecerem temporariamente nessas margens do rio. A partir daí, com o espírito perseverante de que deram tantas provas, continuaram a frequentar a ponta da ilha que lhes tinha sido reservada.

Construíram inicialmente simples armazéns para guardar as suas mercadorias, depois ergueram cabanas para se abrigarem e em seguida, começaram a edificar as primeiras casas: foi com estas ocupações sucessivas que surgiu Macau. Contudo, nesta altura, estes aventureiros eram somente tolerados e os pequenos mandarins, bem pagos pelos mercadores, dissimulavam a presença dos estrangeiros. Mas che-



gou o dia em que os portugueses conseguiram obter uma situação regular sobre esta terra desejada. Eis a ocasião. Uma frota de piratas devastava as costas do Fujian e de Cantão e o governo chinês, impotente para reprimir estes bandidos, aceitou os serviços que lhes ofereciam os portugueses. Estes, com a sua intrepidez habitual, atacaram os piratas e destruíram os seus juncos. Em recompensa desta acção brilhante, o imperador reinante acordou aos intrépidos mercadores o usufruto do istmo de Macau, anexo à ilha de Hiang-Chan, em troca de um renda de 500 taéis por ano.

No entanto, esta concessão não foi tão completa como os termos do édito imperial poderiam fazer supor. Um mandarim chinês, com o título de Tso-Tang, foi delegado para governar a nova colónia. Este funcionário teve a pretensão inicial de submeter os europeus à sua jurisdição, considerando-os como simples vassallos do Império Celeste. E um édito do Filho do Céu chegou mesmo a mobilizá-los sob a bandeira amarela para defenderem a fronteira do norte ameaçada pelos tártaros. Os portugueses lutaram contra estas pretensões por meios diversos, lembrando o seu combate aquele que as comunas fizeram contra a coroa. Pouco a pouco, foram libertando-se das exigências dos mandarins e conquistando a sua independência comunal, subtraindo à jurisdição do Tso-Tang todos os cristãos da península de qualquer raça.

## DOIS PODERES RIVAIS OU DOIS PODERES IGUAIS

Criticou-se muito os agentes da Corte de Lisboa de terem sofrido humildemente, durante séculos, as humilhações e impertinências dos mandarins de Cantão e de terem, pela sua fraqueza, rebaixado o carácter europeu e exaltarem a insolência chinesa. Esta crítica não tem fundamento. No tempo de que falamos, os portugueses já estavam em plena decadência e, lutando contra o império do meio, sofreram um encargo oneroso em que o seu glorioso passado não era suficiente para deixarem de obedecer às exigências comerciais dos chineses. Foram os outros povos cristãos, cujos mercadores e marinheiros encontravam em Macau uma segurança perfeita, que foram os mais interessados nestes debates. E compreende-se mal que os representantes destas nações, residindo na China, não tenham apoiado um potência enfraquecida que, durante séculos, carregou o fardo da

glória europeia nestas paragens. Os ingleses, que tiravam imensas vantagens da queda política de Portugal, estavam sobretudo comprometidos a vir em sua ajuda por uma questão de honra, não olvidando que essa nação, antigamente grande, os tinha precedido na magnífica via que agora percorrem com felicidade. Certo é que sempre se deve alguma coisa aos nossos antecessores. Sir John Davis foi o primeiro a dar o sinal para estas acusações injustas. No seu belo livro sobre a China, tornou-se por um sentimento de rivalidade marítima, difícil de compreender, o detractor dos heróis do século XVI. Colocou mesmo nas suas diatribes uma persistência irritante, percebendo-se guardar no fundo do coração não se sabe que tipo de ódio invejoso contra os primeiros exploradores dos mares longínquos. Não se pode, sem nos diminuirmos, culpar tamanhas fraquezas: não sejamos injustos em relação

a uma glória caída! Quem sabe o que o destino nos guarda?

Logo que a pequena comuna de Macau foi constituída, o governo que a regia compunha-se de um governador nomeado por Sua Majestade o Rei de Portugal, um bispo, um grande juiz, o seu substituto e o Leal Senado. Este é eleito pelas gentes nobres e probas como diz Fernão Mendes Pinto, compondo-se de dois juizes, três vereadores, um procurador, um tesoureiro, um escrivão e um director das alfândegas. Assim, nesta pequena península de poucos quilómetros de extensão, existem dois poderes rivais ou, para dizer melhor, dois poderes iguais que se tendem mutuamente a subalternizar.

Mal os portugueses obtiveram a concessão da península, os chineses quiseram fixar de uma forma precisa os limites da propriedade dos seus novos vizinhos. Usaram para esse efeito de um processo que lhes é característico para delimitar as fronteiras, pelo

que agiram em relação à liliputiana potência de Macau como o fizeram com a Tartária e a Coreia: ergueram uma muralha de separação entre o território concedido e o resto da ilha de Hiang-Chan. Para prevenirem qualquer espécie de usurpação legitimada pelo uso, abriram uma porta na muralha, guardada por um dezena de soldados com ordens de deixarem entrar livremente na possessão portuguesa os súbditos do Celeste Império e de impedirem os bárbaros de saírem dos seus domínios. Estas ordens foram severamente executadas e os Macaístas foram inexoravelmente confinados a viver na península enquanto os chineses de Hiang-Chan chegaram em multidão mobilizados pela perspectiva do lucro. Criaram as suas aldeias, abriram as suas lojas, estabeleceram as suas oficinas e o Tso-Tang viu-se rapidamente à cabeça de três vezes mais administrados dos que se contavam na colónia europeia.

# “O QUARTEIRÃO DO BAZAR É A CIDADE CHINESA”



A até aqui, passei o leitor pelos limites da cidade portuguesa. Fiquei-me pelo lado da península que faz face à enseada e olha o mar. Agora, volto as costas à Praia Grande, marcho direito sem me preocupar com as ruas que é preciso subir e descer, chegando ao bazar de Macau. O quarteirão do bazar é a cidade chinesa. É a antítese da cidade do *Santo Nome de Deos*, é um outro mundo, é uma outra civilização. Às ruas desertas e nem arejadas, às casas silenciosas e brancas sucedem-se ruas tumultuosas e escuras, casas baixas, negras e barulhentas. Uma multidão grotesca de homens com um longo rabo-de-cavalo, uns cobertos com um grande chapéu de bambu, os outros com a cabeça nua, refrescada por um leque. Uns vestem uma espécie de camisa negra, os outros usam um longo robe azul celeste. Todos gritam, apressam-se e agitam-se. No ângulo de uma casa vê-se um armazém de pequena quinilharia, diante de uma porta um mercador de fruta, do outro lado da rua é a loja de um charlatão mostrando a lanterna mágica. No meio desta turba, carregadores que juram e avisam as pessoas mais desprevenidas que não lhes dão passagem. Saindo da cidade portuguesa, a primeira vista de olhos que se dá ao bazar causa-nos vertigens: não sabemos onde estamos. Os gritos ensurdecadores, numa língua que vos é estrangeira, fazem-nos saltar a cabeça e turvar a visão. Pouco a pouco, porém, habituamo-nos a este movimento e começamos a ver mais claro nesta semi-obscuridade. As casas são, em geral, horríveis barracões, verdadeiras casas de mercadores onde tudo é sacrificado às exigências comerciais. Têm apenas um andar, se se pode dar este nome às miseráveis mansardas escondidas sobre os telhados, nas quais os empregados dormem como os cães. Quanto ao patrão, vive noutro lado. As fachadas em tijolos estão rachadas e enegrecidas, e as de madeira encontram-se deformadas e desconjuntadas como uma paliçada. O luxo da loja resgata estas misérias: exhibe faustosamente os seus letreiros cobertos de belíssimos caracteres e abre as suas largas portas para a rua a fim de dar livre acesso aos clientes. Para um retalhista chinês, uma loja é muito simplesmente um instrumento para atrair os viajantes. Para isso, ele dispõe a mercadoria com uma arte pérfida, de maneira a espelhar nos olhos da sua vítima tudo o que pode atraí-lo para a armadilha. Como o homem é geralmente mais ingénuo do que os animais, é o próprio caçador aqui que serve de isco. Não dissimula a sua presença para concretizar a sua acção, bem longe disso: coloca-se gravemente atrás do seu balcão, a trança bem penteada, o robe de um tecido esquisito, a fisionomia graciosa, sorrindo a todos os que passam na rua. Cules de camisa esfarrapada, *boys* de calções brancos decorados de fitas, ricos burgueses vestidos de casaca azul e calças de cetim, bárbaro recentemente desembarcado, todos são igualmente parte destes preparativos discretos e silenciosos. Não há europeu chegado a Macau que não faça uma visita a um deste hábeis retalhistas. Em rigor, os objectos tão arrançados, tão bem alinhados nas suas prateleiras são perfeitamente inúteis a um filho do Ocidente: trata-se de pratos de porcelana azul, sandálias de seda com solas de feltro, pulseiras de vidro imitando o jade, lanternas, leques, bolsas que se trazem junto à barriga como o saco dos caçadores de Vincennes, espelhos finos como

folhas de papel e mil outras bugigangas que não servem para nada. Mas o negociante tem uma figura tão afável que o estrangeiro pára, entra e, feito isto, não sairá da loja chinesa sem ter gasto todo o seu dinheiro e sair carregado de mil inutilidades!

A zona que se chama bazar encerra três ou quatro ruas ensurdecadoras como esta de que vos tentei dar uma ideia. Desenvolvem-se paralelamente umas às outras ou cruzam-se perpendicularmente e, nestas artérias principais, abrem-se estreitas ruelas e vielas ao fundo das quais se escondem as casas de jogo, as casas de penhores e outras indústrias ainda mais suspeitas. Nas margens destes esgotos humanos, vêem-se chineses desgrehados, roupas em desordem, pés nus, cabeça mal rapada, frequentadores ansiosos destas tocas. É também no quarteirão do bazar que se encontrava, durante a minha estada em Macau, a casa do funcionário chinês encarregado da vigilância desta população. Um vasto edifício, precedido de um pátio, à frente do qual se erguem dois mastros com bandeiras distinguem a residência desta espécie de comissário da polícia.

No centro deste grande centro de população abrem-se os mercados de legumes, de peixe e de carnes. A quantidade de coisas amontoadas nestes espaços dá uma ideia da concentração da população da Macau chinesa. Os legumes pertencem quase todos a espécies desconhecidas na Europa: vêem-se raízes de nenúfar, jovens rebentos de bambu, tubérculos de uma planta aquática, a *cyperus esculentus*, o fruto duro da *trapa bicornis*, vulgarmente chamada castanha de água, o pe-tsai ou couve de Nanquim e o divino tanka-tchoi que é o germe de um feijão verde, obtendo-se dentro de um vaso rachado, cheio deste legume, mantido a uma humidade constante. Os chineses são essencialmente práticos e todos os seus processos são de uma simplicidade maravilhosa: com uma caixa fora de uso e um punhado de sementes secas mantêm um jardim em cima dos seus fornos, dando durante toda a estação um legume fresco e tenro.

O mercado de peixe oferece um quadro que não é menos curiosos do que o de legumes. É um imenso galpão coberto de bambu onde se concentram os habitantes dos barcos de Macau, peixe seco, polvos de formas bizarras, raías de várias cores e peixes com bico. As mulheres do povo, os cozinheiros chineses das casas europeias precipitam-se neste mercado em que as transacções são tão barulhentas como nos mercados de Paris e de Marselha, e também numa linguagem pitoresca. Percorrendo o bazar, encontram-se outros estabelecimentos de comidas. Trata-se de lojas em que se vendem patos secos, ratos no mesmo estado de conservação e grandes barris cheios de mexilhões, amêijoas e toda a espécie de bivalves microscópicos. Estes moluscos energicamente salgados servem de condimento aos chineses para comerem o seu arroz cozido na água. Vêem-se nadando dentro de grandes baldes rãs robustas com riscas amarelas sobre um fundo verde e uma espécie de tartaruga de longa cauda a qual morde com uma raiva singular para um animal tão pouco inteligente.”

(YVAN, Melchior-Honoré. *Voyages et récits. Bruxelles: Meline, Cans et Cie, 1853, T.I*)

Escolha de entretítulos, da responsabilidade do JTM